



Apresentação*

Ivã Carlos Lopes*
José Américo Bezerra Saraiva**

Abre-se esta edição dos *Estudos Semióticos* com o surpreendente ensaio que Isabel Marcos, ex-orientanda de Greimas, pesquisadora e docente da Universidade Nova de Lisboa, dedica ao problema da mundialização e suas consequências para a estruturação do espaço urbano. Seu olhar de extensa abrangência identifica, sobrevoando-as a grande altitude, etapas notáveis desse longo processo, desde a mundialização terrestre ainda na Antiguidade, até a globalização virtual de nossos dias, passando pelas mundializações marítima e aérea. Cada uma dessas fases seria emblemática por um ponto nodal: em sucessividade, o mercado, o porto, o aeroporto e, atualmente, a página web, como esta em que o internauta nos lê no presente instante. Degrau após degrau, comentam-se as composições peculiares de forças locais e globais a atuar nesse processo e a plasmar as redes urbanas em lenta metamorfose, até que se chegasse às grandes metrópoles "mutantes" comandadas pela voracidade do mercado globalizado, de que são ilustrações exemplares cidades como Lagos, megalópole da Nigéria, ou Shenzhen, na China. O movimento analítico lança mão do esquema da cúspide, uma das "catástrofes elementares" classificadas por René Thom em sua teoria morfodinâmica geral. Eis aí uma aproximação muito original, graças ao aparato descritivo evocado e à capacidade de discernimento de amplo espectro da autora, acerca de questões altamente relevantes, o mais das vezes tratadas sob as perspectivas da História, da economia ou da sociologia. Se os fenômenos em pauta são bastante conhecidos de todos, já não se pode dizer o mesmo desse ângulo de abordagem, que, revelando traços comparáveis entre pontos distantes da História factual, lança novas luzes sobre os acontecimentos examinados.

No artigo de Ricardo Nogueira de Castro Monteiro, o fenômeno "viral" do clipe "Beijinho no

ombro" (Valesca Popozuda), com seu enorme sucesso comercial no ano de 2014, é esquadrihado com inabitual minudência e aparelhamento técnico, tanto no que se refere à estruturação semântica da letra, quanto ao componente propriamente musical e, ademais, no que tange ao desenrolar audiovisual da peça considerada em seu conjunto. Passando ao largo das estigmatizações sumárias sobre o "gosto" dessa faixa de produção e consumo da indústria cultural, o semiótico empreende uma análise competente e cerrada dos múltiplos estratos significantes desse objeto sincrético; tendo-se dado a tal trabalho, ele cria condições para, por fim, confrontar expressão e conteúdo do clipe à luz das categorias cuidadosamente apreendidas.

Um certo José Saramago – homem célebre que concedia entrevistas por ocasião do lançamento de livros seus, durante a década de 1990 – constitui o objeto da atenção de José Leite Jr., que examina a questão da negação, pelo Nobel português, do "narrador" em suas obras de ficção: segundo Saramago, quem nos seus escritos conta as coisas não é algum narrador, porém ele mesmo, Saramago. Descartada a hipótese de uma possível egolatria do escritor, tal postura, com o que possa conter de provocador, é avaliada por Leite Jr. em termos do embate e das valorações concedidas, de um lado, às teorias da enunciação, e, em contraposição, à ideia marxista de "trabalho" – nesse caso, de trabalho de escrita autoral e seu papel na luta de classes – que tem a preferência do autor de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Daí as perplexidades de quem leia tais declarações de Saramago sem confrontá-las ao pano de fundo das ideias do marxismo em matéria de arte e literatura, pertinentemente elucidadas aqui pelo pesquisador da Universidade Federal do Ceará.

Debruçando-se sobre a obra semiótica de Jacques Fontanille e, em especial, sobre seus escritos dos anos recentes, Edison Gomes Jr.

* DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.120531

* Editor responsável. Docente pela Universidade de São Paulo (USP). Endereço de e-mail: lopesic@usp.br

** Editor responsável. Docente pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço de e-mail: jabsaraiva@gmail.com

resume e discute alguns dos conceitos centrais da renovação epistemológica e teórica aí empreendida. Conforme demonstra o artigo, trata-se de um esforço para a ultrapassagem da conhecida máxima de A. J. Greimas, que, nos anos 1970, glosando em tom meio sério, meio jocoso, uma velha sentença papal, proclamou o "Fora do texto, não há salvação" a partir do qual, desde então, correu tanta tinta sobre tanto papel; o esforço de Fontanille em direção à superação dessa diretriz epistemológica não significa, todavia, um abandono e sim uma complexificação da noção de imanência em semiótica, uma vez que o estudioso da Universidade de Limoges, consciente dos avanços que esta permitiu, não deseja jogar fora o bebê junto com a água suja do banho. Desse empreendimento, sabidamente desafiador, Gomes Jr. destaca, mais do que tudo, a produtividade do par de noções designadas pela semiótica tensiva como fr. *saisie* (usualmente traduzido como "apreensão") versus *visée* (vertido ora como "visada", ora como "foco", ora ainda como "focalização", de acordo com as opções dos seus diferentes tradutores em língua portuguesa), contribuindo assim para uma semiótica à escuta de campos circunvizinhos como a psicanálise e a fenomenologia, bem como para uma concepção mais "corpórea" das instâncias da enunciação.

Os autores do artigo seguinte focalizam uma figura de destaque na cena "brega-pop" de Recife, Pernambuco, a cantora Michelle Melo, para falar de uma certa maneira de conduzir a edificação de uma identidade no mundo do entretenimento. Melo projeta de si uma imagem de mulher forte e sensual, em consonância com as letras das canções que interpreta, muito embora não exiba um tipo físico semelhante ao das grandes referências internacionais das faixas de consumo próximas: sob as roupas apertadas de seu figurino de palco, o corpo da artista pernambucana deixa ver alguma celulite, alguns quilos sobrando, etc. Para o público-alvo do universo do brega, no entanto, a não-conformidade aos padrões visuais das modelos produzidas nas academias de ginástica não é motivo para depreciação do look de sua cantora predileta. O trabalho de Bezerra et alii comenta em detalhe as escolhas dessa personagem popular na construção de sua persona artística, sempre de olho nas reações de seus fãs e ouvintes; com isso, o artigo contribui, local e documentadamente, para a compreensão das preferências estéticas de um estrato de consumo que muito se alargou no país enquanto durou, até há poucos anos, o breve ciclo de desenvolvimento econômico aliado ao progresso social, ciclo que pode hoje ser posto em perspectiva como página de um passado recente que ficou para trás.

A cobertura midiática das *Jornadas de Junho*, como ficaram conhecidas as "espontâneas" e

"apartidárias" manifestações de 2013 promovidas pelo Movimento Passe Livre, que têm servido de base para diversas análises do comportamento dos grandes veículos de comunicação do País referentemente ao noticiário da vida política nacional, é o tema para o qual Marcos Rogério Costa volta a sua atenção. Ao examinar o modo como foi construído o corpo do manifestante numa charge e no editorial do jornal impresso *Folha de São Paulo* e mostrar a maneira como esses dois gêneros sedimentam discursivamente a sua memória sensível, o autor constata que as estratégias de avaliação e validação da imagem do manifestante construída pelos dois textos permitem ver que seus enunciadores assumem um posicionamento contrário às manifestações. Em sua análise, Costa mostra que o enunciador da charge associa a figura do manifestante ao tema do vandalismo enquanto o enunciador do editorial o considera um pseudorrevolucionário predisposto à violência. Como em ambos os casos a figura do manifestante ganha contornos disfóricos, Costa conclui que a charge e o editorial juntos concorrem para a construção do ator da enunciação *Folha de São Paulo* como posicionamento político-ideológico que busca afiançar o contrato veridictório com seu público-leitor via configuração temático-figurativa da imagem disfórica do manifestante.

Diego Gouveia Moreira também coloca sob lupa o comportamento da grande mídia nacional. Seu trabalho tem por escopo examinar as mudanças de comportamento pelas quais a poderosa Rede Globo de Televisão tem passado nos últimos anos vendo-se forçada a satisfazer à crescente necessidade de interação "direta" com seus espectadores. Para Moreira, tal demanda resulta diretamente do acelerado processo de convergência das mídias e do surgimento de uma nova classe consumidora no Brasil. Diante desse novo cenário, a emissora vê-se obrigada a relativizar o seu papel de única instância produtora, investir na aproximação com o público, incentivar a cultura participativa da audiência como potencial produtora de conteúdos e desenvolver estratégias de interação transmidiáticas fazendo uso de múltiplas plataformas. Moreira interpreta essas mudanças de comportamento como acontecimentos que rompem com as velhas formas de interação da Rede Globo com seu público, dão azo a certo grau de liberdade da audiência frente às possibilidades de interação e inauguram um campo de manobras regulador da própria interação a ser explorado tanto pela instância produtora dos conteúdos quanto pelos seus consumidores.

O artigo de Maria Vitória Laurindo Siviero promove uma reflexão sobre a performance como manifestação artística. Mediante a descrição e a comparação dos atos performáticos "The Couple in the Cage: A Guatinaui Odyssey", de Guillemme

Gomez-Peña e Coco Fusco, “Rape Scene”, de Ana Mendieta, e “First Woman at the Moon”, de Aleksandra Mir, a autora busca identificar aspectos invariantes caracterizadores do gênero. Como propriedades que distinguem a performance de outras atividades artísticas, Siviero aponta, por exemplo, a despersonalização do autor, encarado como mais um componente da obra, e o inacabamento do sentido, próprio de uma obra em progresso cuja existência sustenta-se exclusivamente na interação localizada espaço-temporalmente com os seus espectadores. Além dessas duas características, a autora destaca ainda a capacidade de a performance inserir-se em sistemas e práticas de significação já existentes para fazê-los significar apenas como elementos constitutivos do acontecimento performático.

No artigo seguinte, Clériston Jesus da Cruz e Denise Silva Bitencourt analisam excertos de *Meu folclore*, de José Aras, para averiguar como os investimentos temáticos e figurativos e o seu modo de gerenciamento revelam o lugar ideológico a partir do qual o ator da enunciação fala. Os autores logram mostrar que o arranjo semântico dos temas e das figuras constrói um enunciador que assume posição favorável ao discurso que enaltece a figura do beato Antônio Conselheiro, robustecendo assim a visão conselheirista sobre o episódio da história brasileira que ficou conhecido como Guerra de Canudos. Pelo levantamento das isotopias temáticas e figurativas, Cruz e Bitencourt demonstram que o Antônio Conselheiro de *Meu folclore* nada tem da figura de

fanático religioso construída pelo discurso anticonselheirista. No entender dos autores, o beato Antônio Conselheiro constitui-se sujeito da narrativa da salvação enquanto o Coronel Moreira César figurativiza o papel narrativo contrapontístico de seu antissujeito, numa visão dualista própria do discurso religioso.

O último texto da revista traz uma resenha de Waldir Bevidas sobre o livro *Épistémologie sémiotique: la théorie du langage de Louis Hjelmslev*, escrito por Sémir Badir e publicado pela Editora Honoré Champion, em 2014, ainda não traduzido para o português. A resenha cumpre com perícia sua função: fornece uma ideia clara dos pontos nodais da reflexão empreendida por Sémir Badir sobre o pensamento de Hjelmslev e busca motivar a leitura da obra resenhada apontando a atualidade e a pertinência da reflexão para o campo das ciências humanas.

Ao dar a lume mais esta edição, temos, por fim, a honra de anunciar uma significativa expansão de nosso Conselho científico, agora francamente cosmopolita. A companhia desses intelectuais, cujo renome é mundial, ao mesmo tempo que vem reforçar nosso zelo pela qualidade do material veiculado, estimula-nos a seguir aperfeiçoando sob todos os aspectos os *Estudos Semióticos*, que desejamos à altura dos bons periódicos da área em qualquer parte do planeta. Muito trabalho nos aguarda, e estamos a caminho. ●